



VOZES DA REDE PARA A RUA: quem fala e o que escutamos?

Elizabeth Fontoura Dorneles⁴⁶

Resumo

O texto apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa “A cultura política brasileira a partir do simbolizado nas manifestações de rua no período de março de 2013 a agosto de 2014”, em execução, com o objetivo de desvelar a cultura política constitutiva dos processos com aparente sintoma de fortalecimento da democracia participativa. O fato empírico desencadeador da investigação são os movimentos que começam nas redes sociais digitais e vão para a rua. Refiro-me às diversas manifestações que eclodem no Brasil em junho de 2013, as quais colocam em cena novos movimentos sociais. Começa pelo MPL, no primeiro trimestre do ano, quando jovens organizaram, a partir das redes sociais, passeatas e atos contra o aumento de passagens do transporte urbano. Foram bem sucedidos e os vinte centavos que haviam sido acrescidos caíram. Na sequência, protestaram da mesma forma contra o corte de árvores que deviam abrir espaço para mais asfalto e carros, em Porto Alegre. Em ambos os episódios houve confronto com policiais militares, destruição, prisões e acusações mútuas, tanto de vandalismo quanto de abuso de poder policial. É desse universo que o projeto, na totalidade, recorta três questões e, com pressupostos teórico-analíticos da Análise do Discurso de linha francesa – AD tenta ver que efeitos de sentido a circulação, nas condições de produção dadas, constituem para o processo educativo-político. A partir da análise discute-se o significado da disseminação incontrolável da comunicação em redes sociais e os efeitos que isso produz, como forma democrática de construção da realidade, sobre os meios midiáticos convencionais; o papel dos grupos organizados e suas ações na construção da democracia participativa; o terceiro e último aspecto trata da evidência do anseio social por uma forma de vida em sociedade onde princípios éticos sustentem a coerência entre a prática do Estado e aquilo que está preconizado nos pactos sociais resultantes das próprias lutas. O projeto na sua totalidade toma materialidades linguísticas presentes nas manifestações nacionais e veiculadas em dois jornais de empresas jornalísticas do Rio Grande do Sul: Zero Hora e Correio do Povo. Este artigo faz recorte para análise em materiais veiculados no período de março a julho de 2013 e enfoca manifestações discursivas acerca da Copa na sua relação com a saúde pública. Como conclusão preliminar, pode-se dizer que o acontecimento factual, as manifestações de rua, produzem efeitos educativos ao fazerem emergir contradições inerentes à sociedade que tem, nos seus processos, anseios de afirmar-se pela cultura do respeito à diversidade. E também pode diminuir a condição de desamparo do sujeito jovem que sai do anonimato da rede e inaugura sua identidade política.

Palavras-chave: Discurso; Movimento Social; Cultura; Desamparo; Futebol.

1 Introdução

Na tentativa de entender o que dizem os acontecimentos de rua que soam como barulho difuso, sistematizo algumas ideias acerca do movimento que começa nas redes sociais digitais e vai para a rua. Refiro-me às diversas manifestações que eclodem no Brasil em junho de 2013. A partir dos eventos ocorridos em Porto Alegre, início do

⁴⁶ Doutora pelo PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, área de concentração Teorias do Texto e do Discurso. Docente do PPG Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. E-mail: edorneles@unicruz.edu.br

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURAS e DESENVOLVIMENTO

II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas
V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso

Educação Intercultural em Territórios Contestados

14 a 16 de maio de 2014
Chapecó | Santa Catarina | Brasil



primeiro trimestre, quando jovens organizaram, pelas redes sociais, passeatas e atos contra o aumento de passagens do transporte urbano, os movimentos de protesto ganham espaço midiático. Os manifestantes, organizados como movimento social com demanda específica, Movimento Passe Livre-MPL, mantiveram a organização e criaram outras pautas para a luta. A rua expôs corpos, a cultura política nacional (BAQUERO, 2011) e a cultura repressiva do aparato policial. A relação entre cultura e política foi demarcada nas diferentes discursividades que se instauraram a partir dos acontecimentos factuais.

Mostraram a força articulada nas redes sociais. Funcionando mesmo como uma rede, que jogada pode trazer a tona o imprevisível. O movimento ressurge em São Paulo com a pauta voltada também para o transporte urbano. Espalhou-se por todo país e outras reivindicações aparecem. Diria que, embora acredite que há um foco tentando se impôr, há um universo de questões que aparenta a expressão da individualidade de cada um que participa das manifestações.

A Análise do Discurso de linha francesa – AD trabalha no ponto de encontro onde sujeito e discurso se constituem mutuamente. Ao procedermos então uma análise estamos buscando, a partir da circulação dos discursos, ver que efeitos de sentido, nas condições de produção dadas, esse processo produz. Antecipando à análise, acredito que do modo como o acontecimento factual surge se estabelecem condições para um acontecimento discursivo memorável para a democracia. Nessa introdução, cabe ainda lembrar que o sujeito político que está na rua é efeito da formação social caracterizada pelo mal-estar imposto pelo processo civilizatório que estabeleceu a condição humana, cultural, distinta do mundo da natureza. O sujeito que não suporta o desamparo (BIRMAN, 2006) busca, pela participação, condições de alento e constitui-se como sujeito político atravessado pela contradição inerente.

A disseminação incontrolável da comunicação em redes sociais e os efeitos que isso produz, como forma democrática de construção da realidade, sobre os meios midiáticos convencionais, apontam para além da fragilização do poder das grandes empresas de comunicação. A tomada de posição acerca do futebol não apenas como esporte e lazer, mas também como aparelho cultural (BRANDÃO, 1978) capaz de mobilizar para lutas políticas pode fazer migrar para o campo esportivo saberes fundamentais para construção de condições capazes de sustentar a coerência entre a prática do Estado e aquilo que está preconizado nos pactos sociais resultantes das próprias demandas dos movimentos sociais.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



A relação entre sociedade da modernidade, onde ainda tenta se manter a concepção do sujeito onipotente, e a da pós-modernidade, onde o sujeito do desamparo (BIRMAN, 2006) se manifesta, está na rua e pode ser vista através da tensão, da luta entre manifestantes e os aparelhos repressores de estado (ALTHUSSER, 1996). Ou também como lugar de acerto de contas entre Estado e sociedade civil. Se esse último se configura, é possível que o ponto de partida, a base, para a busca da sociedade civil seja a Constituição Cidadã – 1988.

A partir dela torna-se constitucional o reconhecimento da fragilidade do sujeito e se estabelece o compromisso de o Estado ampará-lo. Os fortes, onipotentes, detentores do capital construía a relação de subordinação política pelos gestos de “caridade”, de trabalho “voluntário”. Após a constituição, há o reconhecimento da fragilidade do sujeito da pós-modernidade e criam-se mecanismos para que esse lute, sai do lugar da submissão através de meios democráticos.

As deliberações encaminhadas para o pós-88 provocam a ampliação de demandas pelas condições de cidadania a serem proporcionadas pelo Estado. Educação, proteção aos mais frágeis, saúde, moradia constituem-se em bens a serem conquistados ou cobrados com a participação efetiva da sociedade civil. Abre-se espaço para a vivência da democracia participativa. As vozes que estão fazendo barulho na rua podem estar fazendo ressoar a nova condição política do sujeito brasileiro. Nesse sentido, os movimentos sociais que se constituíram em torno de demandas específicas e foram para rua criam espaço educativo político importante, entretanto o que enfoco agora é uma perspectiva do que pode ter levado o sujeito jovem para a rua.

2 Rede para Órfãos

O sucesso dos apelos lançados por um sujeito que se constitui nas redes sociais como liderança pode ser um sintoma da sociedade, órfão. Órfão de pai e de espaço de visibilidade para sair da individualidade e inserir-se em causas coletivas. Os jovens com identidade efêmera, a grande maioria sem obrigações sociais, como trabalho, paternidade/maternidade, buscam afirmar-se pela identificação com causas coletivas. O “sair da rede” e ir para a rua pode simbolizar um rito de passagem do jovem filho para o jovem cidadão envolvido com o político, ainda que neguem a presença da política nos movimentos de rua. A visibilidade que a rua proporciona funciona como espelho

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. *Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso*. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



possibilitando que haja, pela identificação⁴⁷, a passagem de uma posição para a outra. O estar nessa posição pode se configurar como uma forma de diminuir o mal-estar. Para tratar sobre mal-estar, iniciamos pela Psicanálise, saber importante que atravessa a disciplina de interpretação – AD.

Birman (2006), em texto sobre mal-estar e resistência, articula Psicanálise e outros discursos de campos das Ciências Sociais. Parte da base psicanalítica para análise da sociedade, o texto de Freud “Mal-estar na civilização”. Birman põe em evidência questões importantes para a leitura, interpretação, da realidade que se apresenta nas ruas.

Segundo o autor, o masoquismo, desamparo e servidão são elementos que constituem uma primeira forma de assujeitamento do servo ao seu senhor. Trata sobre a modernidade como projeto europeu, iniciado entre o Renascimento e o Século XVII. Tempo de predomínio da ciência, da racionalidade e de abandono do sujeito que se amparava em um pai todo-poderoso, Deus onipotente. Caracteriza a constituição da modernidade como “o autocentramento do sujeito no eu e na consciência, fundamentado no discurso metafísico com a filosofia de Descartes” (p. 39). E a razão científica impera como paradigma para as interpretações de todo universo. A modernidade está centrada no sujeito-indivíduo, colocando-o assim como o fim último, a medida de todas as coisas. A onipotência fazia com que o amparo estivesse em si mesmo. Assim “é o incremento do campo do eu em relação ao outro ou o estreitamento daquele em função deste que passam a se impor, regulando as operações que traçam a cartografia do indivíduo no espaço social” (p. 40).

A inauguração de um novo tempo, o modernismo, se dá com o início do processo de descentramento do sujeito individual, a partir de Freud, Marx e Nietzsche. Freud descentra a consciência individual ao colocar em cena o sujeito inconsciente; Marx descentra a consciência no registro econômico, ao fazer “o descentramento da consciência e do eu em relação aos registros da economia e da política, sendo este representado pela luta de classes (p. 43). Nietzsche faz o mesmo ao teorizar a constituição do poder e sua relação no processo de produção da verdade, mostra que as verdades resultam das relações de força existentes entre os homens, “esvaziando assim a pretensa soberania do eu e da razão”, como fundamentos da verdade.

⁴⁷ Identificação está sendo tratada como posição assumida pelo sujeito. Não são atribuições vindas do outro, mas sim posições em que o sujeito se reconhece como tal. Ao portar um cartaz nas manifestações públicas ele poderá apenas carregá-lo ou então assumir-se como sujeito daquela reivindicação. Ver DORNELES (1998).

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



Birman (2006) caracteriza o modernismo com mais uma marca que é a inquietação pela atualidade. O sujeito não só se descentra de si mesmo como também em relação ao mundo que vive em “permanente processo de transformação, ou seja, é a descrição das mudanças contínuas que acontecem no mundo que define a postura curiosa do sujeito em relação à atualidade”. (p. 43). Essa mutação contínua impõe ao sujeito a necessidade de aprimorar sua capacidade de interpretar o mundo no aqui e agora. A compreensão dessa realidade possibilitará ao sujeito “encontrar as direções para que se movimente no campo social” (p. 44).

Paralelo com a teoria do inconsciente, outros conceitos trabalhados por Freud operam de modo a também ter importância sobre a subjetividade que caracteriza o modernismo como tempo de desamparo do sujeito.

Não vamos aqui fazer um percurso por toda essa construção teórica da Psicanálise, mas é importante sabermos que a entrada do sujeito no mundo da cultura é simbolizada como o corte, a entrada do pai simbólico que constitui o sujeito cindido, com “buracos” os quais irá procurar, numa luta infrutífera, tamponar ao longo da sua existência. Conforme nos apontou BIRMAN (2006) e reafirma REY-FLAUD (2002), a imposição da ordem, do limite, da cultura, da lei é apreendida pelo homem como “...uma instância estrangeira, francamente hostil... o homem se revolta de fato contra aquilo que o faz homem” (p. 22). A imersão no simbólico é o que o diferencia do mundo animal. Esse é o efeito mais importante do advento da teoria freudiana para compreendermos a constituição subjetiva do sujeito do modernismo com suas faltas.

A fragilidade do humano descentrado, sem a onipotência, e também cindido o coloca na dependência desse outro da cultura. A Psicanálise toma esse Outro, maiúsculo, como a metáfora do social, da civilização a qual o sujeito se submete pela linguagem. O Outro sem o qual não é possível viver, “o Outro, encarnação da fatalidade social...” (REY-FLAUD, p. 22).

...o homem desamparado (Hilflosigkeit)⁴⁸ é jogado no mundo onde o único recurso é o de convocar o Outro onipotente para reestabelecer o estado “oceânico” original rompido. O apelo ao pai é então um pedido de proteção endereçado a um “salvador” contra a castração e a morte em um mundo onde a castração e a morte já estão consumados. (idem, p. 21)

A presença obrigatória do Outro coloca em confronto a individualidade, que

⁴⁸ Termo do original da obra de Sigmund Freud, em alemão.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



caracterizava o sujeito da razão na modernidade, com o social. E numa ofensa ao seu narcisismo o sujeito vai se revoltar não contra si mesmo, mas contra o Outro, como nos mostra REY-FLAUD (2002):

...não faz isso contra a fatalidade do corpo (não se revolta contra a fome, mas contra o fato de não encontrar o com o que apaziguar sua fome), nem contra a fatalidade do mundo externo que Freud chama “natureza” (não se revolta contra o frio, mas contra o fato de que não tem com que se cobrir). (p. 23)

A impossibilidade de descartar o Outro gera um mal-estar onde “os homens não podem nem suportar a civilização nem viver sem ela, eles devem estar juntos/separadamente” (p. 9). A necessidade de manter-se em sociedade afronta o sujeito e produz reações antagônicas as quais constroem alvos como “inimigos” a serem destruídos. Não podendo viver isolado e ao mesmo tempo tendo que sustentar espaço onde conserve a individualidade, o juntar-se ao Outro deve reservar espaço de visibilidade, garantia de existência para além do coletivo.

Desse modo o chamado que vem da rua, “*Sai do Facebook e vem junto*”, ressoa e faz com que se dê a interpelação desse sujeito, desde sempre sujeito (PÊCHEUX, 1995). Da sua solitária máquina, onde se constitui num sujeito do coletivo sem ter que enfrentar o desconforto da presença física do outro, vem para a rua. Sai da rede onde só existe o sujeito de discurso e na rua passa a existir também como sujeito de natureza física. Aquele que tem corpo para enfrentar, para ser um número nas contagens policiais e midiáticas. O sujeito se reconhece como tal, se enuncia buscando construir aliança, chamando outros para as fileiras, e, reconhecendo-se com nova identidade, pede passagem com o seu estandarte cuja inscrição “*Desculpe o transtorno, estamos mudando o país! Saímos do Facebook.*” Constitui-se num sujeito do político. Inaugura um novo tempo nas práticas políticas do país e ao mesmo tempo poderá produzir um avanço na democracia participativa. O que não garante que esse ato sustente uma nova posição-sujeito.

Estar na rua, construir corpo de enfrentamento já se consolidou, entretanto a assunção de posição de contrariedade em relação ao sujeito que, por exemplo, tem no conjunto dos seus saberes o futebol com predominância sobre as demais práticas culturais esportivas, não se consolidou. O assujeitamento pode ainda permanecer enrolado pela rede. É o sujeito físico que fará a diferença para as posições antagônicas

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



que se defrontam na cena política construída pelo discurso midiático e o policial.

O discurso da mídia, com suas estratégias, se encarrega de distribuir os corpos entre ordeiros, arruaceiros e baderneiros e assim fazer com que cada um encontre o seu lugar. Produz a divisão do um em dois. Na rua ficam colocadas a civilização e a barbárie, como se essas fossem as forças opostas que emergem nas manifestações. Nas passeatas e manifestações tranquilas, se configura a civilização e nas arruaças e badernas, a barbárie. São “dois mundo separados por uma fronteira instável e invisível.” (PÊCHEUX, p. 15).

Os dois mundos criam, na separação feita pela mídia, espaço de tensão onde as verdadeiras causas das manifestações ficam invisíveis e a fronteira se estabelece entre manifestantes e forças policiais de repressão. O medo determina a criação de fronteiras. Uma delas é a que separa dentro/fora. O medo se coloca como tal, pois estar na rua é estar exposto aos bagunceiros, arruaceiros e também à repressão policial. A dualidade entre ordem/desordem orienta, a partir do foco midiático, a interpretação de quem está fora do movimento. Há uma construção simbólica para fazer da rua um não-lugar, na concepção de BAUMAN (2000), espaço do perigo e logo de desafio para os jovens. Com esse gesto apontam para suas possibilidades como força coletiva da qual alguns setores ou até partidos podem apropriar-se.

A chamada pelo Facebook simboliza também a quebra do monopólio da comunicação. Qualquer um é repórter ou cinegrafista e, sem o corte do editor, joga a notícia nas redes sociais de modo instantâneo. Todos estão conectados, produzem e consomem informação em tempo real. O que será notícia no Jornal Nacional Globo já está na rua. Importante dizer que, frente a isso, a mídia convencional traça fronteira ao acentuar seu papel com especificidade no comentário, na análise dos fatos veiculados. Amplia-se o espaço dos analistas da sociedade frente às câmeras. Não basta narrar, repetir o que as redes sociais já fizeram, agora tem que direcionar, recortar, apontar o que fica fora/dentro da ordem social.

Outra fronteira instável e invisível é a entre as classes. Quem está na rua são os trabalhadores que vem conquistando acesso a maiores condições de cidadania social, como ingresso na educação superior, casa própria, bolsa família ou são aqueles que são contra a universalização do acesso a espaços reservados para grupos elitizados?

Por outro lado, esse movimento da rede para a rua inaugura a decepção do sujeito com uma “tecnologia que pretensamente deveria oferecer bem-estar e segurança”. (PLON, p. 152). Ao contrário, ela aproxima o sujeito da relação com um real que nem

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



sempre é possível suportar.

3 Cultura, Política e Esporte

Nesses movimentos o político e a cultura estão em evidência. Se observarmos o noticiário, veremos que elas são determinadas pelo político. Não se vê bandeira de revolução cultural, embora o conjunto das lutas venha a constituir uma cultura de resistência. Essas práticas de resistência incorporam um conjunto de discursividades que circulam nos espaços de manifestações e constituem sujeitos políticos que fazem a representação de determinada cultura política.

A definição de cultura política como “Conjunto de atitudes e orientações políticas de indivíduos em relação ao sistema político e ao papel que exercem nesse sistema.” (ALMOND & VERBA apud BAQUERO, 2011) coloca o sujeito na condição de liberdade para assumir dentro da conjuntura política posições que o situarão numa ou noutra perspectiva de sociedade. A constituição desse sujeito e sua tomada de posição deverão ocorrer numa cultura política sustentada pela convergência de princípios como a legalidade, responsabilidade e transparência. Analisando a cultura política nacional veremos que ela se mostra como espaço onde esses princípios são violados. O que constrói condições favoráveis para que a cultura fosse significada na rua através de enunciados como: GABINETE NÃO É MOTEL.

Em diferentes condições de produção eles metaforizaram a contrariedade a não observância dos princípios que devem sustentar a cultura política. Como no caso de GABINETE NÃO É MOTEL, enunciado alusivo a episódio em que vereador é acusado de manter relações sexuais com cabo eleitoral no seu gabinete, se associam discurso da sexualidade e discurso político para condenar as más práticas do sujeito do poder legislativo. A cultura política que deveria ser perpassada pela transparência fica amalgamada com algo que é da ordem do privado, da intimidade de casais. Essa tentativa de o sujeito do legislativo exercer sua condição de sujeito movido pela sexualidade, em espaço do sujeito da política, convoca o outro que entra em cena e assume o lugar de adversário. A contrariedade dos manifestantes coloca lado a lado os fenômenos sociais, a política, e os processos individuais e com isso aponta para uma característica da cultura política que é a de, sendo democrática, desmontar a liberdade individual, conforme nos aponta Bauman (2000).

A violação da cultura funcionou como penalidade sobre o sujeito indivíduo que não

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapeco: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



foi capaz de silenciar sua individualidade em nome do coletivo, da política. As convicções, a cultura, que poderiam ser consideradas na sustentação do lugar que as urnas deram ao legislador foram desconsideradas no decorrer do jogo político.

A cultura são valores arraigados que estão expressos nos objetos culturais, a artes, e nas práticas socioculturais, e essas com elemento predominante em cada estágio da humanidade. Nesse espaço em que vivemos o que predomina é a cultura do medo, como nos mostra Bauman (2000). Ele, o medo, gera elementos mercadológicos e políticos valorosos, Aqui cabe lembrar que, na perspectiva foucaultiano do biopoder, a maioria dos medos é agenciada pelo corpo. Assim regulam as práticas medos como o de ser assaltado, ser morto, de perder o emprego, de não ter médico para levar o filho doente, medo do outro que me ameça.

A constituição desses objetos imaginários e das práticas tem os movimentos de sedimentação ou de descarte regulados no interior dos AIEs. (ALTHUSSER, 1996) Na questão da cultura política, elas atravessam as diferentes fases do discurso eleitoral. As necessidades, as carências, os valores são transformados em objeto de negociação e então político e eleitor introduzem aí o discurso mercadológico. Como nos aponta Baquero (2011), o individualismo se torna preponderante e os interesses são, no caso do candidato, seduzir o eleitor a lhe dar o voto e, no do eleitor, ter uma demanda individual atendida. Ressaltam, tanto na situação de “*Gabinete não é motel*”, quanto na relação mercantil entre candidato a cargo eletivo e eleitor a característica da cultura política de preponderância do individual em detrimento do coletivo.

Estabelecida essa lógica de mercado, os partidos políticos se profissionalizam para convencer o eleitor a lhe delegar poder de representatividade e o eleitor fica como cliente ou consumidor sem conteúdo ideológico. O discurso então na cultura política atual constitui-se num mascaramento das ideologias no processo de negociação do voto.

4 Esporte e Saúde

O esporte, como prática cultural, cumpre muito bem o seu papel de elemento escamoteador do político. No campo de futebol, na zoeira após jogo, por exemplo, Grêmio e Internacional no RS, parece que todas as posições políticas se nivelam. O importante é “On gagné”. Se o nosso time ganha, nós também ganhamos. O famoso enunciado que Pêcheux (1990) mostra como migrou do esporte para a política, na França, após a vitória

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. *Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso*. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



de Miterrand para presidente, ressoa ou ressoava no Brasil, produzindo um efeito de despolitização no campo da disputa esportiva. Coloca sempre em cena torcedores dos times como se houvesse um nivelamento do político onde a única identidade que se evidencia é a esportiva.

A presença nas ruas de enunciados contrários à realização da Copa Mundial de Futebol, em 2014, no Brasil, tira essa “inocência política do futebol”. Agora estão em campo dois times, bem politizados: o governo, representado pela Presidenta e os opositores às políticas para saúde, educação e esporte. Enunciados, como alguns dos expostos nas ruas pelos manifestantes, apontam para a menor importância do futebol em relação aos bens sociais fundamentais para o sujeito que, segundo identidade atribuída, vive no país do futebol e do carnaval.

Ao enunciar “*Dinheiro é para saúde e educação e não para futebol*” e “*Da copa eu abro mão, quero dinheiro na educação*” e “*Que o rico pague a conta*”, enunciados que circularam nas manifestações de junho-julho/2013, o sujeito faz movimento de tomada de posição que poderá produzir nova posição-sujeito relativa ao futebol ou ser apenas a reafirmação política de oposição ao governo federal. O que aparenta ser um território neutro se discursiviza com filiação política. “*Padrão Fifa para saúde*” é uma paráfrase discursiva que repete: as políticas para a saúde e para o esporte estão na contramão daquilo que precisamos. Muito investimento em estádios, infraestrutura para o futebol e recursos na saúde insuficientes. “Portanto sou contra aos atuais governantes do país.”

Nos dois primeiros enunciados, há um eu narcísico assumindo posição e colocando-se como aquele que sabe o que é melhor para si. Mostrando sua posição ao coletivo, ocupando um lugar discursivo instituído na formação social e de reconhecida autoridade para que dali possa falar e provocar assujeitamento, chamar outros para suas fileiras. Desponta como o sujeito de Descartes, o do autocentramento no eu, na razão e na consciência, aquele que sabe por si mesmo o que deve ser feito. E a mídia se apressa em colocá-los no lugar discursivo do jovem que em outros momentos já foi para rua provocar tomada de posição acerca de questões da política.

No discurso midiático está convocada uma memória discursiva que pode produzir efeitos de sentido cujo funcionamento é mesmo o de colocar o jovem no lugar discursivo de quem pode dar um jeito “nesse país governado mal, onde não há saúde, educação, transporte urbano, mas há muita corrupção.” Ressoa a memória dos acontecimentos de 1964, quando movimentos, marchas, foram usados para justificar uma ditadura.

“*Se teu filho ficar doente leva ele a um estádio*” é outro enunciado que faz o

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



chamado para que haja filiação ao movimento contrário aos investimentos em infraestrutura esportiva. O funcionamento discursivo é derrubar qualquer posição favorável de “ti” que não tem assistência em saúde, mas apoia os investimentos e, por consequência, as políticas públicas que encaminham verbas para a execução de tais obras. Esse enunciado coloca em circulação argumento de forte apelo emocional. A vida do “teu filho” está acima da tua paixão pelo futebol. Nesse possível movimento provocado pelo enunciado exposto na rua, o *on gagne* equivaleria a nós ganhamos não só no esporte, mas também na saúde. A primeira vitória seria no campo da política pública para a saúde.

Nesse enunciado e em “*Caso adoença procure o estádio mais próximo*” se estabelece posição hierárquica entre os interlocutores. Há o que determina o que deve ser feito a alguém que ele sabe do que precisa. As posições imaginárias tratadas por Pêcheux (1993) funcionam aqui como condição para que um interlocutor, utilizando-se do conhecimento que tem acerca do “*quem é você para que eu lhe fale assim*” e sabendo “*quem sou eu para poder lhe falar assim*” constitua-se na posição de superioridade, a qual lhe permite dar ordens e, pela ironia, tentar produzir tomada de posição contrária às políticas públicas para a saúde e o esporte que vem sendo implementadas no país.

Como nos aponta Bauman (2012), o conhecimento da cultura do outro, em especial dos seus medos, tem funcionamento estratégico na política. Provocar o público a manifestar suas convicções, seus comportamentos, sua cultura funciona como sustentação para construção do discurso político de busca de apoio. A provocação feita pelos dois enunciados em caminhadas onde muitos dos manifestantes vestiam o branco, cor que aponta para a assepsia necessária nos procedimentos médicos, poderá ser útil em movimento de defesa do espaço de trabalho de uma determinada categoria.

O mesmo autor mostra também que o conhecimento sobre o funcionamento social pode ser usado de modo cínico ou de modo clínico. O fato de conhecer as demandas coletivas possibilita usar esse conhecimento para ter vantagens individuais, no caso uma categoria de trabalhadores, uso cínico. O uso clínico desse conhecimento acerca das estruturas sociais poderia ser usado para produzir intervenções na realidade de modo que ela se transforme em benefício do coletivo.

O que está na rua com aparente estabilidade lógica, Pêcheux (1990), de luta do coletivo, pois são “*milhares de manifestantes, tantos ônibus destruídos, centenas de policiais controlando, milhões de reais de prejuízo com depredações*”, poderá não produzir avanços para o coletivo, para uma cultura política que consiga responder efetivamente às

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. *Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso*. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



demandas de cidadania, pois, como nos diz Bauman (2000, p. 15), “A arte de reinventar os problemas pessoais sob a forma de questões de ordem pública tende a se definir de modo que torna excessivamente difícil “agrupá-los” e condensá-los numa força política”. A grande dificuldade está em transformar o problema individual, a voz polifônica das ruas, em força política. O barulho precisa se transformar numa voz audível e ganhar estatuto de política instituída e produzir efeitos positivos no encaminhamento de uma cultura política da democracia representativa.

5 Conclusão

Nas manifestações circulam a fragilidade das instituições políticas e a visibilidade de componentes da cultura política própria à democracia participativa. Mas a rua, por dar visibilidade à ineficácia da democracia representativa, também se mostra perversa no sentido de que abre caminho para a negociação que desempodera o sujeito que emerge como porta-voz das manifestações.

Aliado ao desconforto causado pelas carências materiais (saúde, educação, transporte) está na rua o sujeito, efeito da cultura, cujo mal-estar jamais deixará de produzir outros novos protestos. A cultura política traz articuladas essas faltas, são elas que provocam de modo incessante a presença da política. As ruas são o lugar onde o desamparo se materializa pelos gestos, pelo discurso.

Baderneiros e arruaceiros estão fora da civilização porque causam medo, ameaçam nosso corpo, nosso patrimônio, mas não estão fora da política. Cumprem um importante papel que é de sustentar a cultura do medo. O pai que nos dará amparo não está em nenhum lugar. Mas não há como parar de procurá-lo, ainda que seja em nós mesmos. A política nos aproxima do outro, do coletivo e por mais que possa nos ameaçar não há outra possibilidade de amparo a não ser nele. Nessa caminhada onde o coletivo se constitui e acolhe, o processo educativo político pode mostrar produtividade ao fazer emergir sujeitos políticos que farão buscas além do fim do desamparo.

Referências

ALTHUSSER, Louis. (1969) Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



BAQUERO, Marcello. Padrões de constituição da cultura política na América Latina no século XXI. In: _____ (org.) **Cultura(s) políticas(s) e democracia no século XXI na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 25-46.

BAUMAN, Sigmund. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DORNELES, Elizabeth F. **A dispersão do sujeito em lugares discursivos marcados**. Tese de Doutorado. UFRGS: Porto Alegre, 2005.

ESCOBAR, Carlos Henrique. Da categoria de cultura: do aparelho cultural de estado. In: **Encontros com a civilização brasileira**, v. 16. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

_____. Análise automática do discurso (ADD – 69). In: GADET & HAK (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.

PLON, Michel. Da política em O mal-estar ao mal-estar da política. In: LE RIDER, Jacques et alii (org.) **Em torno do mal-estar na cultura de Freud**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 145-185.

REY-FLAUD, Henry. Os fundamentos metapsicológicos de *O mal-estar na cultura*. In: LE RIDER, Jacques et alii (org.) **Em torno do mal-estar na cultura de Freud**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 5-64.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]